

A introdução do Karate-Dō Shotokan no Rio Grande do Sul: memórias do sensei Watanabe

The introduction of Karate-Dō Shotokan in Rio Grande do Sul: memories of sensei Watanabe

AIRES H, LEDUR JA, SANTOS AFDL, MAZO JZ. A introdução do Karat-e-Do Shotokan no Rio Grande do Sul: memórias do sensei Watanabe. *R. bras. Ci. e Mov* 2017;25(1):118-128.

RESUMO: Este estudo objetivou investigar como ocorreu a introdução do *Karate-Dō Shotokan* no estado do Rio Grande do Sul, por meio da reconstrução das memórias do *sensei* Luiz Tasuke Watanabe. Tendo como perspectiva teórico-metodológica a História Oral recuperou-se as memórias deste *sensei*, que foi um dos precursores do estilo *Shotokan* de *Karate-Dō* no estado. Para tanto, foi gravada e transcrita uma entrevista com o *sensei* Watanabe. Além desta fonte oral, também foram analisadas fontes documentais, bem como, realizada a revisão bibliográfica sobre o assunto. As análises empreendidas nas fontes acessadas revelaram que Watanabe, ainda criança, emigrou do Japão para o Brasil com sua família e teve sua iniciação no *Karate-Dō* por intermédio de seu irmão, que havia sido praticante no Japão. A prática do *Karate-Dō* intensificou-se quando prestou o serviço militar ao ser aluno do *sensei* Yasutaka Tanaka, que ministrava aulas no exército. Posteriormente, em 1970, a convite do *sensei* Teruo Obata, Watanabe foi designado para dar aulas em Porto Alegre, onde atuou em diversas localidades, colaborando mais tarde para a criação do Departamento de *Karate* da Federação de Pugilismo do Rio Grande do Sul. Watanabe, na época, atuava como professor, mas também participou de competições. No ano de 1972, conquistou o primeiro lugar no Campeonato Mundial de *Karate* e alcançou destaque a nível nacional, contribuindo para a divulgação desta prática. Após uma década na cidade, em 1981, Watanabe partiu de Porto Alegre por designação do exército, retornando a cidade somente 30 anos depois para ministrar um curso.

Palavras-chave: Karate; História do esporte; Imigrantes japoneses; Lutas; Artes marciais.

ABSTRACT: This study aimed to investigate how occurred the introduction of *Karate-Dō Shotokan* in Rio Grande do Sul state, through the reconstruction of memories of Luiz Tasuke Watanabe *sensei*. Having as theoretical and methodological perspective of the Oral History recovered the memories of this *sensei*, one of *Shotokan karate* style precursors in the state. For that was recorded and transcribed an interview with Watanabe *sensei*. In addition to this oral source were analyzed documentary sources and was performed a bibliographic review about the subject. The analyzes undertaken in the accessed sources revealed that Watanabe, as a child, along with his family migrated from Japan to Brazil and had its initiation in *karate*, through his brother, who had been practicing in Japan. The practice of *Karate-Dō* was intensified when paid military service and was a student of *sensei* Yasutaka Tanaka, who ministered classes in the army. After, in 1970 at the invitation of *sensei* Teruo Obata, Watanabe was appointed to teach in Porto Alegre, where he served in several places and also collaborated to creation of *Karate* Department of Pugilism Federation of Rio Grande Sul. Watanabe worked as a teacher and participated in competitions, and in 1972 won first place at the World *Karate* Championships. So, gained prominence in national level and contributes to the dissemination of *Karate*. After a decade in the city in 1981, Watanabe left Porto Alegre, by appointment of the army, returning the city only 30 years later to minister a course.

Key Words: Karate; History of sport; Japanese immigrants; Fights; Martial arts.

Hannah Aires¹
Josiana Ayala Ledur¹
Alfredo F. de los Santos¹
Janice Zarpellon Mazo¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução

O *Karate-Dō* é uma arte marcial que consiste basicamente no treinamento sistemático de golpes de ataque e técnicas de defesa, em que se utilizam diferentes partes do corpo, sem nenhum tipo de objeto que possa ser utilizado como arma. Constitui-se também de uma linguagem e cultura identitária próprias, compartilhada entre seus praticantes que, por muitas vezes, as tomam como concepções de vida¹. Tal prática possui uma vasta história, que tem sua origem envolta em um complexo processo multicultural, pautado por diversos conflitos identitários². Como exemplo deste processo, citamos as origens do *Karate* na Índia, na medida em que esta prática desenvolveu-se a partir de uma forma de luta chamada *Vajramushti*¹ que, anos mais tarde foi apropriada na China, onde se ramificou, ocasionando o desenvolvimento de duas formas de luta: *Chuan Fa* e o *Nai Pei Chun*^{4,5}. Devido a intensos contatos comerciais e culturais, o *Chuan Fa* e o *Nai Pei Chun*, despontaram na ilha de Okinawa, ilha que atualmente pertence ao Japão. Esses contatos iniciais duraram até o ano de 1603, período referente ao início da Era Tokugawa², fase na qual o Japão isolou-se comercial e culturalmente do restante do mundo. Ao fechar suas fronteiras com a finalidade de combater as influências estrangeiras, proibiram-se, inclusive, viagens de japoneses ao exterior. Em 1637 foi imposta uma dura medida proibindo os japoneses de sair do país e em caso de desobediência, a pena seria a morte. Tal período perdurou até 1867, quando ocorreu a reabertura de fronteiras do país⁶.

Após o fim do isolamento japonês, iniciou-se a entrada de novos elementos culturais e de produtos diversos que demonstram uma onda de ocidentalização, observada no vestuário, obras literárias e músicas que foram traduzidas para a língua japonesa. Houve a incorporação de tecnologias mais modernas como, por exemplo, maquinários e teares utilizados em fábricas francesas e inglesas, que contribuíram de forma expressiva para o setor de manufatura do algodão no país⁶. Além disto, ocorreu a importação de armamentos que inibiu a disseminação do conteúdo técnico-militar dos samurais, e causou considerável enfraquecimento das diferentes escolas de técnicas guerreiras⁵. Em contrapartida, já no início do século XX, apoiadas em um nacionalismo militar, houve o ressurgimento das artes marciais e, dentre elas, o *Karate*. No referido período, esta prática foi apresentada sob uma nova configuração, que para além da autodefesa, passou a cumprir o papel de uma disciplina voltada ao desenvolvimento mental e corporal enraizada na base espiritual *Zen*. Essas mudanças ocorreram pela iniciativa de Gichin Funakoshi, considerado pai do *Karate* moderno e referenciado como o responsável pela modificação do termo de *Karate* para *Karate-Dō*⁸.

A nova denominação do termo foi a forma que Funakoshi encontrou para refletir a essência e o conteúdo espiritual da disciplina⁹. Os caracteres *Kara* e *Te* significam respectivamente “vazio” e “mão” e o sufixo *Dō*, comum a todas as artes marciais, denota caminho, doutrina ou disciplina a ser seguida. Portanto, em vias de ter seu sentido melhor expresso, o termo *Karate* deve estar acompanhado do sufixo *Dō*, designando-se, portanto, o *Karate-Dō* como “o caminho das mãos do vazio”⁹. Tais características, como os princípios filosóficos, acima citados, possibilitaram certo fascínio pelas artes marciais e sua consequente expansão mundial, tendo chegado ao Brasil no início do século XX e ao estado do Rio Grande do Sul décadas depois^{10,11,12}.

A introdução do *Karate-Dō* em terras sul-rio-grandenses data da metade do século XX, e está diretamente vinculada a vinda de imigrantes japoneses que aqui se estabeleceram. Esta participação pôde ser evidenciada por meio do trabalho de diversos mestres, de variados estilos, que atuaram em academias e associações de diferentes cidades e possibilitaram o desenvolvimento da referida arte marcial^{10,11}. Todavia, ainda são poucos os registros que abordam o período histórico, que trouxe distintas representações culturais acerca da prática do *Karate-Dō*¹². Ademais, ainda pouco se sabe a respeito da bagagem cultural japonesa vinculada a forma de ensinar dos *sensei* que imigraram para o Brasil.

¹ De acordo com Horiye e Pereira³, *Vajramushti* são técnicas de lutas eficientes e práticas que visavam à utilização de poucos movimentos e máxima precisão durante um confronto.

² A Era Tokugawa (1603-1867), foi um período marcado pela vigência do governo militar conhecido como shogunato. O termo *shogunato* faz referência a *shogun* (general), que representava a autoridade máxima no poder^{6,7}.

Ademais, pouco se sabe a respeito da bagagem cultural japonesa vinculada a forma de ensinar dos mestres que imigraram para o Brasil e colaboraram para instigar a imaginação e o interesse das pessoas pelas artes marciais, tendo em vista que, neste campo, há uma forte representação acerca dos professores ou *sensei*³, principalmente quando consideramos sua atuação e os valores que transmitem aos seus alunos em locais de treinamento ou *dojo*^[4].

Os professores ou *sensei* são frequentemente vinculados ao desígnio de propagarem, por meio de seus ensinamentos, valores e aspectos do caráter que contribuem para formação de crianças e jovens. Ensinamentos estes que atingem até mesmo adultos praticantes, pois as situações de confronto e as regras de conduta presentes no *dojo* induzem o participante a melhorar sua capacidade de decisão e reação e promovem valores relacionados ao respeito e a autoconfiança. Percebe-se que a prática do *Karate-Dō* vem imbuída de um vasto conteúdo de valores que são fomentados no *dojo* e que estes, associados a anos de prática ininterrupta, irão refletir não só nas capacidades físicas, mas, sobretudo, mentais¹⁵⁻¹⁶. Nesta perspectiva, o ápice a ser atingido com o *Karate-Dō* é formar um *karateca*^[5]₅, ou seja, alguém que além de lutador, tenha seu caráter aperfeiçoado pela prática a fim de tornar-se uma pessoa proveitosa para a sociedade¹⁷.

Diante das considerações acima, percebe-se a variedade de elementos que se inter cruzam na prática do *Karate-Dō*, principalmente quando buscamos reconstruir uma versão histórica que tem como pano de fundo as memórias de um *sensei* como Watanabe. Neste caminho, o objetivo do estudo é reconstruir uma versão histórica do *Karate-Dō Shotokan* no estado do Rio Grande do Sul, por meio das memórias de seu precursor, *sensei* Luiz Tasuke Watanabe.

As memórias de Watanabe, além de representarem uma dinâmica entre lembranças e esquecimentos aportados em sua memória individual, trazem consigo memórias grupais e coletivas, as quais são construídas na subjetividade e, portanto, representadas em discursos sociais. Deste modo, a memória além de ser um fenômeno de cunho pessoal, exemplificado pelas lembranças que um indivíduo possui sobre sua trajetória de vida, carrega um aspecto mais amplo, ou seja, um caráter social. Um tanto deste processo é construído de forma coletiva e, por conseguinte, submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes¹⁸.

A memória deve ser considerada, por conseguinte, tanto na esfera individual quanto coletiva. Michael Pollack¹⁹ aponta que, em primeiro lugar, os acontecimentos são vividos pessoalmente, e, em segundo lugar, permeiam a memória de um indivíduo aqueles acontecimentos vivenciados pelo grupo ao qual ele se identifica. Nesse sentido, a memória atua como um elemento constituinte da identidade, visto que possibilita condições para o desenvolvimento do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo no decorrer dos tempos.

Segundo infere Amorim²⁰, ao atuar de forma conjunta, memória e identidade se enlaçam possibilitando a realização e estudos que partam do tempo presente e de personagens vivos. Mais do que testemunhar um fato ou relatar trajetórias, nesta perspectiva é possível ver o processo de seleção dos acontecimentos e de constituição de discursos e, por conseguinte, contribuir para análises fundamentadas em seus respectivos contextos históricos e sociais.

Materiais e método

Com o intuito de respondermos o objetivo deste estudo histórico, empreendemos como perspectiva teórico-metodológica a História Oral, seguindo os pressupostos de Alberti²¹. Para tanto, foi realizada uma entrevista semiestruturada com o *sensei* Luiz Tasuke Watanabe, precursor do estilo de *Karate-Dō Shotokan* no estado do Rio Grande do Sul. A escolha deste tipo de entrevista se justifica por proporcionar mais mobilidade tanto para o

³ Termo oriundo da língua japonesa, que significa “aquele que veio antes” normalmente utilizado para tratar um professor ou um mestre¹³.

⁴ Além de ser um local para prática ou treino, o *dojo* de *karate-Dō* deve ser considerado uma área santificada, pois é o local onde estudamos e onde as boas maneiras devem ser respeitadas e valorizadas por todos^{13,14}.

⁵ Praticante de *Karate-Dō*¹⁴.

entrevistador criar novas questões, quanto para o entrevistado que tem a possibilidade de acessar as memórias de forma mais livre e contribuir de forma mais ampla.

As informações obtidas a partir da entrevista foram confrontadas com fontes documentais, como, Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul, artigos da Revista Veja e com os dados obtidos por meio da revisão bibliográfica que abrangeu livros, artigos científicos e uma dissertação de mestrado que trata da história do *Karate-Dō* no Rio Grande do Sul¹¹. Nos tópicos que seguem apresentamos o resultado da análise das informações coletadas nas fontes.

Resultados e Discussão

Artes Marciais no Rio Grande do Sul: o *Karate-Dō*

A emergência da prática das artes marciais no estado do Rio Grande do Sul, sob a influência de japoneses, data de meados do século XX. Embora, o primeiro contato dos japoneses com o Brasil tenha ocorrido ainda no início do século XIX, em 1803²², a imigração japonesa veio a consolidar-se mais de um século depois, quando em 1908 o navio *Kasato-maru* trouxe os primeiros imigrantes japoneses ao Brasil, em sua maioria com contrato de trabalho previamente estabelecido para atuarem nos cafezais. No país, chegaram cerca de 250 mil japoneses entre 1908 e o final de 1970, quando a imigração sofreu considerável diminuição⁶.

Na medida em que os imigrantes adquiriram independência financeira e estabeleceram-se como pequenos agricultores ou comerciantes, também se organizaram em forma de comunidades como, por exemplo, na cidade de São Paulo, no conhecido Bairro da Liberdade e nas cidades de Londrina e Maringá, no estado do Paraná. Ao que se refere à imigração japonesa no Rio Grande do Sul, esse fenômeno migratório ocorreu primeiramente a partir do núcleo paulista e mais tarde, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Ressalta-se que no Rio Grande do Sul, a data de 20 de agosto de 1956, é reconhecida, oficialmente, como o início da imigração japonesa no Estado²³.

No Rio Grande do Sul, o estilo de *Karate-Dō Shotokan* se desenvolveu pela atuação marcante de um mestre, também imigrante japonês, que conquistou espaço na capital Porto Alegre. Na década de 1970, Luiz Tasuke Watanabe difundiu o esporte em diversos *dojo* da cidade. Seus ensinamentos foram transmitidos a dezenas de alunos, que também tiveram a oportunidade de participar das primeiras competições de *Karate-Dō* no estado¹¹.

O primeiro Campeonato Oficial de *Karate-Dō* foi realizado nas dependências da Associação Círculo Social Israelita em Porto Alegre, no ano de 1970. Na referida competição, os *karate-ka* Luis Biazus, Gilberto Pinos Alves, Flaubert da Silveira, Carlos Alberto Marques e João Marcelo Braggio, conquistaram o título, representando o Tokio Esporte Clube, local onde Watanabe lecionava. O estudo de Oliveira e Frosi²⁴ mostrou que o estilo *Shotokan*, conquistou, no início do século XXI, o primeiro lugar em número de praticantes no estado. Talvez, a representação atual do estilo *Shotokan* construída no Rio Grande do Sul possa ser explicitada pelas primeiras iniciativas de Watanabe e seus alunos na propagação da prática do *Karate-Dō*.

Os itinerários de Luiz Tasuke Watanabe

Nascido no Japão e, posteriormente, naturalizado brasileiro, Watanabe chegou ao Brasil na década de 1950, com a idade de oito anos, quando seus pais deixaram o país de origem em busca de melhores condições de vida após a Segunda Guerra Mundial. Tal expedição, que incluiu uma viagem de quatro meses do Japão para a América do Sul, se relacionava ao chamado sonho “Sul America” que os japoneses chamavam de *nambei*²⁵.

O pai de Watanabe, agrônomo, formado em nível técnico, partiu do Japão com toda a sua família; esposa e nove filhos, sendo Watanabe o filho caçula. Realizando uma viagem em navio cargueiro, passaram pelo Rio de Janeiro

e pelo Porto de Santos, na cidade São Paulo. Nesse último local, permaneceram morando em um armazém durante aproximadamente 10 dias.

Por meio do relato de Watanabe, foi possível perceber que as famílias, ao chegarem à América não sabiam ao certo qual seria seu local de destino. Eram as empresas de imigração que designavam qual país, estado e cidade os imigrantes deveriam residir, podendo seguir para destinos como o Brasil, Paraguai, Argentina, Uruguai, Bolívia ou Peru, locais nos quais formariam uma colônia, composta em média por grupos em torno de 100 famílias japonesas. Em tais redutos, os imigrantes, sem ignorar sua identidade, incentivavam a educação, por meio do ensino da língua japonesa, métodos de contagem, e, em algumas comunidades ofereciam, aulas de espanhol e português²⁵.

A família de Watanabe, quando aportou no Porto de Santos, em São Paulo foi designada a ocupar, na época, a fronteira do que era o estado do Mato Grosso e o Paraguai. O trajeto para tal destino incluiu um traslado até a estação de São Paulo, onde ficaram dois dias aguardando a “Maria fumaça”. Depois deste tempo de espera seguiram em mais uma viagem, que durou mais alguns dias.

Ao chegarem ao local de destino trabalharam durante quatro anos em uma fazenda, desmatando e plantando café apenas por alimentação, pois não recebiam salário ou moradia. Além dessas condições precárias, como não tinham meio de transporte, todos os deslocamentos, curtos ou não, eram realizados a pé. Os vizinhos mais próximos residiam, aproximadamente, a 10 quilômetros de distância do local onde a família de Watanabe morava, seguindo um caminho pelo meio do mato. As dificuldades daquele período foram lembradas por ele: “Tínhamos que desmatar! Então, isto durante quatro anos, e quando terminava recebíamos a “carta de alforria”. Estávamos livres. Depois disto, meu pai comprou uma chácara”²⁵.

Um dos irmãos mais velhos de Watanabe não suportou a situação e foi embora desta colônia, onde a família residia. Este fato, conforme o detectado em seu depoimento, além de representar insatisfação estava ainda ligado a uma questão cultural, pois todo descendente de japonês quando completava 18 anos retirava-se de casa. Esta seria uma forma de demonstrar bravura, pois era humilhante para os homens nesta idade morarem, debaixo do mesmo teto da família²⁵.

Dentre as memórias que fazem referência à vinda para a América e que mostram os primeiros contornos do contato de Watanabe com o *Karate-Dō*, diz respeito à viagem de quatro meses a este continente. Em um trecho de sua entrevista, ele referenciou que ao acompanhar a rotina das pessoas do navio, percebeu que algumas delas faziam movimentos que, posteriormente, identificou como sendo uma das formas utilizadas no *Karate-Dō* para representar uma luta contra oponentes, conhecida como *kata*⁶. Tal prática, comentada por seu pai, lhe foi transmitida a partir da seguinte visão: “Tasuke, aquela é uma dança de Okinawa”²⁵. Além disso, com frequência Watanabe assistia a prática, podendo-se afirmar que por meio destas experiências começou a entender, o que era *Karate-Dō*. Algo que ele, inicialmente conhecia como “dança de Okinawa”.

Todavia, a iniciação de Watanabe na prática do *Karate-Dō* ocorreu por intermédio do irmão, o qual havia sido praticante no Japão. Parece que os ensinamentos não eram apreciados de início, pois Watanabe contou que sempre recebia um chute ou um “cascudo” do irmão. Porém, na perspectiva do irmão mais velho, desta forma Watanabe perderia as características de menino mimado, visto que chorava por qualquer coisa²⁵. Esta postura do irmão mais velho, diante de Watanabe, remete ao respeito e hierarquia presente nas famílias japonesas e também sugere um meio de educação mais rígido, baseado na disciplina e formação do caráter. Pertinente a este contexto, a palavra japonesa *Ie*, que na língua portuguesa representa “casa”, nos traz uma nuance importante para pensarmos a educação de uma família japonesa. O significado do *Ie*⁷ está ligado a proteção e propagação de valores de determinadas pessoas, que convivem

⁶ Um conjunto de técnicas de bloqueio, soco e chutes combinados em sequências que possuem uma aplicação de luta⁵.

⁷ Ao pensarmos o sistema familiar japonês, que por um lado envolve o apreço pela harmonia, unidade e paz familiar, garantindo uma série de direitos, por outro, exige uma série de deveres e obrigações recíprocas entre seus membros. Pode-se dizer que, aos filhos mais velhos cabem os cuidados para com os demais familiares, pois na falta do pai, cabe ao filho mais velho se tornar o mantenedor do *Ie*. E estes deveres do *Ie* são transmitidos desde a

sob mesmo teto e denota um sistema de organização hierarquizado e compartilhado pelos indivíduos que a ele pertencem⁶.

Quando completou 18 anos, Watanabe relatou que estava em idade de se apresentar para o serviço militar. Diante disto, ele e mais alguns índios, com quem conviveu durante boa parte da vida, foram até uma escola fazer a certidão de nascimento, documento exigido para servir no exército de fronteira. Após obter a certidão de nascimento, ingressou nas Forças Armadas e mudou-se para Rio de Janeiro.

No exército, Watanabe fazia diversos trabalhos como carregar madeira, tijolos e telhas, mas também começou a intensificar, quando podia, a prática do *Karate-Dō*, pois até então tinha apenas uma pequena noção ao ver e reproduzir os gestos do irmão. Neste período, treinava duas vezes por semana, segunda e sexta-feira, enquanto que no sábado e domingo fazia demonstrações junto a outros militares²⁵.

A carga de treino do *Karate-Dō* era de seis horas por dia, com diferentes *sensei*: duas com Hiroyassu Inoki⁸ duas horas com Lirton Monassa⁹ e duas horas com Yasutaka Tanaka. O *sensei* Tanaka era amigo do irmão mais velho de Watanabe e veio para o Brasil quando tinha 24 anos de idade. Tanaka instalou-se no Rio de Janeiro, onde lecionava *Karate-Dō* em algumas unidades do exército, na escola naval e Brigada de Infantaria Paraquedista²⁵.

Nesta época aprender com vários *sensei* era considerado fundamental à formação de um *Karateka*, pois cada um imprimia suas particularidades no ensino da técnica²⁵. Nesta direção, Watanabe foi para São Paulo para conhecer e treinar com o *sensei* Juichi Sagara¹⁰, que além de especialista no estilo *shotokan* também o era no estilo *Goju-ryu*¹¹. Foi assim que conheceu o *sensei* Yoshizo Machida e *sensei* Yasuyuki Sasaki com quem mais tarde, além de conviver, chegaria a dividir um quarto na casa do *sensei* Sagara, para quem prestavam serviços.

Segundo Watanabe, não recebiam salário, mas em troca recebiam um lugar para dormir e comer. “Naquele tempo o pessoal não entendia o que era salário. Então, se fosse designado, e se davam de comer tinha que fazer alguma coisa. Para onde mandavam dar aula, nós íamos”²⁵. Percebe-se que Watanabe e os demais agiam como se fossem soldados no cumprimento de uma missão designada pelos superiores.

Neste período, Watanabe, Machida e Sasaki passaram a viajar por diversas cidades do estado de São Paulo, ministrando treinos e aulas em academias. Muitas vezes, os três tinham a companhia do *sensei* Tanaka junto às suas aulas e treinos, que sucederam nas cidades de Jaboticabal, São Carlos, Araraquara e São Jose do Rio Preto. Ao realizar viagens por estas cidades, mantinham uma dinâmica que era exercida de forma sequencial. A cada semana um deles tinha que visitar uma cidade diferente e depois alternavam os locais onde tinham ministrado aulas e treinos²⁵.

Ressalta-se que, na época, conforme depoimento de Watanabe era normal surgirem desafios para testar o nível de *Karate-Dō*, pois era grande a cobrança por bons desempenhos. Os praticantes de *Karate-Dō* lutavam com praticantes do *Taekwondo*, de Capoeira, dentre outras práticas de luta. Desta forma, por meio das aulas, treinos e desafios, eles contribuíram para a difusão e aprimoramento do *Karate-Dō* no estado de São Paulo.

Watanabe prosseguiu com estas atividades até o momento em que houve o convite do professor de judô, Teruo Obata, para atuar no Rio Grande do Sul. O convite surgiu devido à proximidade que o *sensei* Obata tinha com o *sensei* Tanaka, sendo que os dois haviam sido colegas na Universidade Takushoku, em Takudai. Obata, que já tinha uma

infância, lembrando-os que os como membros de uma mesma família há a necessidade de manter a hierarquia e cumprir sua função em respeito aos laços sanguíneos e aos valores morais⁵.

⁸ De acordo com a Federação Paulista de Karate-do Tradicional, Hiroyasu Inoki nasceu em 18 de setembro de 1940 na cidade de Yokohama, no Japão e chegou ao Brasil em 1956. Iniciou seus treinamentos, quando tinha 12 anos de idade, em 1952, e desde então treinou com os mestres Sakagami, Nakayama, Nishiyama e Asai. Atualmente, Sensei Inoki exerce atividades como árbitro internacional da ITKF e faz parte da Comissão Técnica da CBKT²⁶.

⁹ Lirton Monassa foi o primeiro faixa-preta formado por *sensei* Tanaka, que tinha diploma de professor de Educação Física. Fez parte da equipe carioca que conquistou a medalha de ouro no primeiro Campeonato Brasileiro de karate, realizado no país em 1969. Nos 10 anos seguintes, consagrou-se como técnico da vitoriosa equipe do Rio de Janeiro. Foi coordenador da seleção brasileira²⁷.

¹⁰ Juichi Sagara chegou ao Brasil no ano de 1957. Atuou no ensino do *Karate-Dō* na Vila Prudente, na cidade de São Paulo; juntamente com Yasutaka Tanaka e Sadamu Uriu no Rio de Janeiro e, com Tetsuma Higashino. Eles foram colegas na Universidade Takushoku (Takudai), no Japão²⁸.

¹¹ Gōjū-ryū “escola da força e flexibilidade”²⁹.

academia de judô em Porto Alegre, denominada Tóquio, desejava também oferecer aulas de *Karate-Dô*¹¹. Com tal intuito, solicitou então que Tanaka indicasse alguém para trabalhar com ele neste projeto.

Tanaka designou Watanabe para trabalhar em Porto Alegre. Salienta-se que na mesma ocasião, Yoshizo Machida foi chamado para atuar na Bahia e Yasuyuki Sasaki começou a cursar a faculdade de Educação Física, permanecendo em São Paulo. Quando chegou a Porto Alegre no ano de 1970, Watanabe começou a ministrar aulas na Academia Tokio, localizada na Rua Osvaldo Aranha em frente à Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As aulas de *Karate-Dô* iniciaram no dia 3 de março de 1970, com os seguintes alunos: Elipídio Martins Junior, Luiz Biazus e Flaubert Garcia da Silveira¹¹.

A partir de então, outras associações se interessaram pelo *Karate-Dô*, entre elas o Clube Rui Barbosa, o Instituto Porto-Alegrense de Judô e 18º Regimento de Infantaria situado no Bairro Partenon de Porto Alegre. Concomitantemente, Watanabe começou a ministrar aulas em outros lugares e seu grupo foi crescendo e o *Karate-Dô* se difundindo pela capital gaúcha. Ele relembra: “Eu fiz parte de pequeno grupo de raiz, mas naquele tempo eu mesmo não tinha a mínima ideia de organização”²⁵.

Luiz Tasuke Watanabe era muito jovem quando veio ensinar *Karate-Dô* no Rio Grande do Sul, tinha entre 22 e 23 anos de idade. Dois anos depois, em 1972, sagrou-se o primeiro brasileiro campeão do mundo de *Karate-Dô*, no Campeonato Mundial, organizado pela *World Union of Karate-Dô Federations* (WUKO), em Paris³⁰. Fato que traria novas projeções tanto para sua vida pessoal, como para o desenvolvimento do *Karate-Dô* no estado.

A conquista do campeonato mundial

No Campeonato Mundial de *Karate-Dô* em 1972, Watanabe conquistou o título de campeão, vencendo grande parte de suas lutas por *ippon*¹². O Brasil possuía quatro atletas disputando individualmente: Dorival Caribé, Ugo Arrigoni, Paulo Góes e Watanabe^{30,31}. À medida que seus colegas foram eliminados da competição, Watanabe comentou que seu foco foi se modificando. De início, sua intenção era, apenas, participar do campeonato para fazer fotografias com nomes reconhecidos como o *sensei* Nakayama e *sensei* Kanazawa, seus ídolos; não fazia ideia e nem nutria o sonho de ser campeão mundial. No entanto, por mais que não visualizasse o título como algo tangível, ele possuía “cara e coragem” para lutar e, ao ver seus companheiros excluídos da competição, principalmente quando Dorival Caribé perdeu a luta na semifinal, ele se motivou para “vingar” o amigo²⁵.

A luta final foi disputada entre Watanabe e O’Higgings da Inglaterra, duas vezes vice-campeão mundial de *Karate-Dô* e aluno do *sensei* Enoeda. Após a vitória, menciona que se encontrou cercado por muitas pessoas buscando-o para uma foto, inclusive os *sensei* Nakayama e Kanazawa que ele almejava conhecer. Logo após a conquista Watanabe retornou a cidade de Porto Alegre.

Ao desembarcar no aeroporto da capital gaúcha, os militares para o quais ele ministrava aula o aguardavam para uma homenagem. Rememorou que, após isso, não sabia mais se Porto Alegre era mesmo “alegre” ou “inferno”, pois muitos repórteres queriam entrevistá-lo e ele não sabia o que dizer, principalmente pela falta de domínio da língua portuguesa. Como tinha de relatar a conquista do título, contou com a ajuda do “marujo”, apelido do professor Gama Filho, e do professor Manoel Tubino que lhe davam instruções sobre o que falar e como se portar²⁵.

Após a conquista do campeonato e já estabelecido em Porto Alegre, Watanabe começou a intensificar o número de viagens para disseminar o *Karate-Dô*. Da mesma forma, distribuía seu tempo em aulas, treinos e homenagens que recebeu durante considerável período. Como exemplo disto, citamos sua participação, na abertura das Olimpíadas do Exército e da condecoração que recebeu devido ao fato de ser instrutor nos quartéis¹¹. Além disso, foi

¹²Ippon é uma pontuação referente à aplicação de um golpe “perfeito”, o qual impede que o oponente tenha tempo hábil para se defender. Devido à isso, representa o término da luta, considerando-se vencedor quem aplicou o golpe “perfeito”^{5,31}.

homenageado pelo presidente Garrastazu Médici, realçando sua boa relação com o governo militar que, na época, apoiava os atletas do *Karate-Dō*. Em Porto Alegre, por sua vez, recebeu do prefeito Thompson Flores o título de cidadão porto-alegrense²⁵.

Todavia, o título de campeão mundial concedeu apenas as glórias de ser campeão, pois não recebia qualquer ajuda financeira por comparecer a eventos. Além disso, Watanabe comentou que passava muito tempo afastado do trabalho da família e, particularmente, sentia muita falta das duas filhas. Nestes breves afastamentos, seus alunos, especialmente Luiz Biazus, assumiam as aulas do sensei.

A vida atribulada começou a se modificar quando Watanabe conseguiu abrir sua própria academia, o que fez com a ajuda do irmão. O local chamado *Shotokan Karate Clube*, situado na Rua dos Andradas, no Centro de Porto Alegre, já nos primeiros dias, encheu de alunos de tal modo que havia fila de espera para inscrição. Tempos mais tarde, o *dojo* mudou-se para Avenida João Pessoa, número 1.048 permanecendo até 1981, ano em que deixou o estado²⁴. Ele menciona que o *Karate-Dō*, de uma forma geral, cresceu muito em todo o país, após sua conquista do título mundial, repercutindo até mesmo para a criação de um departamento próprio na Federação Rio-Grandense de Pugilismo (FRGP).

A Federação Rio-Grandense de Pugilismo e a atuação de Watanabe

No estado do Rio Grande do Sul, o *Karate-Dō* fazia parte da Federação Rio-Grandense de Pugilismo, por meio de um departamento, cujo diretor técnico era Watanabe¹¹. De acordo com seu depoimento, este departamento foi o embrião para a criação de, em 1989, da Federação Gaúcha de Karate. Devido ao trabalho no exército, Watanabe foi embora de Porto Alegre em 1981, tornando-se responsável pelo *Karate-Dō* em Brasília e Goiânia, além de ministrar aulas em diversas outras cidades do país. Coube em um primeiro momento aos professores Luiz Biazus e Flaubert assumirem as atividades do sensei em Porto Alegre e a Yasuyuki Sasaki, a pedido de Watanabe, supervisionar as cidades do Rio Grande do Sul²⁵.

Watanabe instalou-se no Rio de Janeiro, onde tinha um amigo em particular, *sensei* Yasutaka Tanaka, diretor técnico da confederação na época. Contudo, este amigo acabou afastado do cargo por divergências política e, devido a tal fato, Watanabe e Tanaka se distanciaram. Entretanto, após um longo tempo de afastamento, a reaproximação veio por intermédio de Manoel Tubino. Tal proximidade surgiu efeito e ambos, trabalhando em conjunto, decidiram criar uma nova associação. A Federação de Karate Tradicional, na cidade do Rio de Janeiro, foi criada por Yasutaka Tanaka, no ano de 1985. Esta entidade contou com o apoio da secretaria do esporte da cidade, em razão da influência de Manoel Tubino, que era aluno de Tanaka. A federação buscava atuar junto com organização criada nos Estados Unidos por Hidetaka Nishiyama, um dos alunos de Gichin Funakoshi e instrutor da *Japan Karate Association* (JKA)^{11,25}.

Logo após a criação da federação no Rio de Janeiro, foram criadas federações no Distrito Federal, Goiás e Ceará. Com três federações registradas, foi possível fundar a Confederação de *Karate-Dō* Tradicional, sendo precursor o sensei Yasutaka Tanaka. Após aproximadamente um ano da criação da entidade, Watanabe conta que começou a ter problemas de saúde, teve crise de depressão e sentia-se insatisfeito com sua vida pessoal e profissional. Um dos fatores que mais contribuiu para esta situação, segundo ele, foi a cobrança que sofria de seus superiores no exército, no que diz respeito a ser um modelo para os demais. Além disso, naquela época ele não fazia ideia de como estruturar uma federação e organizar o *Karate-Dō* porque, como referenciou na entrevista, aprendera apenas a “chutar e socar”, e as exigências destas atividades desencadearam outros problemas. Todavia, devido a proximidade entre Watanabe e sensei Yasutaka Tanaka, evidenciados por mais de 50 anos de trabalho e convivência, somados a uma relação de auxílio semelhante à estabelecida entre irmãos, Watanabe conseguiu superar os revezes da depressão²⁵.

Após 30 anos longe de Porto Alegre, Watanabe retornou em 2011 para ministrar um curso na capital. O nome Watanabe na capital gaúcha é envolto por diversas histórias de desafios, confusões em público e atitudes excêntricas.

Ao comentar sobre as histórias ao redor de seu nome, ele nos conta que grande parte delas não é verdadeira. Segundo ele, várias pessoas tentaram desafiá-lo, contudo, apenas um fato realmente ocorreu e logo foi ocultado pelas autoridades militares para as quais Watanabe trabalhava.

Sobre as confusões em público e atitudes excêntricas conta que, por ser jovem, “não perdoava nada”²⁵. No entanto menciona que, muitas vezes, o confundiam com um lutador coreano que morava na capital pela mesma época e que praticava *Taekwondo*. Esse lutador, chamado Kim, de acordo com Watanabe, costumava exceder-se na bebida pelos bares da cidade, gerando grandes confusões. Segundo ele, naquele tempo, as pessoas não diferenciavam muito um imigrante japonês de um coreano e, como Watanabe era mais reconhecido, isso contribuía para as acusações caírem sobre ele²⁵.

Ao finalizar a entrevista, Watanabe mencionou novamente que, quando viveu em Porto Alegre, não tinha a capacidade que tem agora de organizar o *Karate-Dō* e trabalhar institucionalmente. E, com uma atitude de humildade, que traduz um dos valores do próprio *Karate* e que é respeitada até hoje pelos seus praticantes, ele declara: “Gostaria, na verdade de pedir desculpas, com relação àquela época, pois eu podia ser um pouco mais maduro para dar mais para este grande Rio Grande do Sul”²⁵.

Sobre seu retorno à capital gaúcha, após três décadas, ele comenta que neste momento, como *sensei*, pode transmitir mais ensinamentos do que quando viveu na cidade, quando era um atleta ou simples praticante. Ao refletir sobre aquela fase de sua vida, ele professa: “podia ter dado mais carinho, mais dedicação para eles. Não que eu tenha abandonado, eu tinha outra missão, tinha que viajar o mundo. Tanto que agora se analisar eu só estou pelo mundo”²⁵. Watanabe, durante os 11 anos que viveu em Porto Alegre formou seis faixas pretas e, grande parte deles obtiveram títulos em competições de destaque. No interior do estado, Watanabe não contabilizou nenhum trabalho de projeções semelhantes às desenvolvidas na capital. Em Porto Alegre, em paralelo com o trabalho em diferentes academias de artes marciais, Watanabe ainda desenvolvia o *Karate-Dō* na Academia de Polícia e nos cinco exércitos do Estado Maior.

Atualmente, Watanabe reside em Setiba, no estado do Espírito Santo, cidade que, segundo ele, une todas as coisas que ele gosta, como mar e natureza. Neste lugar, ele desenvolve o seu *Karate-Dō* do dia a dia e recebe alunos locais e outros oriundos das mais variadas partes do mundo para treinar o estilo que Watanabe desenvolveu nos últimos 15 anos, o *Karate Goshin-do* que é uma disciplina complementar do *Karate-Dō*.

Sensei Watanabe baseando-se na aplicabilidade combinada com o estudo e a redescoberta dos aspectos originais e mais antigos do *Karate-Dō* formalizou através do Goshin-do sua própria interpretação da evolução desta arte marcial como caminho de uma vida saudável. Tal doutrina faz com que o karateca busque através da prática objetiva e lógica das técnicas, desenvolver seu *Karate-Dō* como um todo, voltando sua prática para a saúde, o auto-aprimoramento e o desenvolvimento pessoal ao longo da vida. Ao mesmo tempo, em que dá amplitude ao seu trabalho no Brasil, desde 1991, ministra seminários na Europa³³.

Conclusões

A inserção do *Karate-Dō* no Brasil se deu por meio de imigrantes japoneses que trouxeram a prática dessa modalidade junto com seus demais costumes. Contudo, grande parte dos imigrantes não tinha como principal objetivo transmitir os ensinamentos do *Karate-Dō*. Devido a isso, o ensino da modalidade se deu de forma pouco organizada em seus primórdios.

No que diz respeito à introdução do *Karate-Dō Shotokan*, no estado do Rio Grande do Sul, coube a este estudo destacar o personagem Luiz Tasuke Watanabe. Este *sensei* chegou ao estado em 1970, e ministrou aulas da modalidade em diferentes espaços da capital, Porto Alegre. Em 1972, no Campeonato Mundial de *Karate-Dō*, conquistou o

primeiro lugar vencendo grande parte de suas lutas com a pontuação máxima, o *ippon*. Esta conquista contribuiu para a disseminação gradual do *Karate-Dō Shotokan* pelo Estado por meio dos alunos de Watanabe.

Outra contribuição de Watanabe foi à criação do Departamento de *Karate-Dō* junto à Federação de Pugilismo. Desta forma, a organização e sistematização das atividades dos professores e praticantes de *Karate-Dō Shotokan* no Rio Grande do Sul, começaram a ser desencadeadas. Contudo, no interior do Estado o trabalho não conseguiu atingir os mesmos patamares que os alcançados em Porto Alegre. Além disso, o assédio por parte de pessoas e compromissos oficiais promovidos pelo governo militar da época, fizeram com que a vida pessoal e profissional de Watanabe sofresse as consequências do sucesso repentino. Em 1981, ele deixa Porto Alegre e seu trabalho com o *Karate-Dō* segue nas mãos de seus alunos, que anos mais tarde, em 1989, fundariam a primeira federação de Karate do Estado.

Lembrado por grande parte da sociedade de Porto Alegre, dos anos 1970, como uma figura controversa, talvez devido aos acontecimentos polêmicos que o envolveram. A passagem de Luiz Tasuke Watanabe por Porto Alegre até os dias de hoje é motivo de muitas histórias. O objetivo deste estudo foi o de apresentar a versão do próprio Luiz Tasuke Watanabe sobre seu envolvimento com a inserção do *Karate-Dō Shotokan* no Estado do Rio Grande do Sul. A partir de suas falas, pode-se perceber certo pesar no que diz respeito à forma como ele conduziu o *Karate-Dō Shotokan* no Estado.

Atualmente, mais de trinta anos após sua saída de Porto Alegre, Watanabe revela que devido a sua falta de maturidade na época não foi possível estabelecer uma infraestrutura para o desenvolvimento do *Karate-Dō*. Essa visão do passado é muito diferente do papel que Watanabe ocupa nos dias de hoje no cenário mundial da modalidade, sendo considerado um dos *sensei* mais importantes e exercendo cargos de referência em diferentes organizações. Por fim, acredita-se que a partir das memórias de Luiz Tasuke Watanabe, apreendidas por meio da História Oral, seja possível contribuir para a compreensão acerca do desenvolvimento do *Karate-Dō Shotokan* no Estado do Rio Grande do Sul. Ademais, espera-se que novos estudos sejam realizados utilizando-se outras fontes orais, não apenas as adquiridas junto aos *sensei*, mas também de seus alunos, uma vez que a percepção e memória de cada ator social podem fornecer relevantes informações para compreendermos os diferentes contextos que permearam a história do *Karate-Dō*, tanto no nível estadual como nacional.

Referências

1. Stoleroff A, Rosa V. Samurais na modernidade europeia: motivações e entendimentos dos karatecas portugueses. In: VI Congresso Português de Sociologia. Mundos sociais: saberes e práticas-Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, 25 a 28 de junho de 2008.
2. Frosi TO, Mazo JZ. Repensando a história do Karate contada no Brasil. Rev. bras. educ. fís. esporte (Impr.) São Paulo: abr./jun. 2011; 25: 297-312.
3. Horiye EY, Pereira AM. A história do karatê-dô: arte marcial a ser ensinado nas aulas de educação física. In: 7º CONPEF-Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar. Disponível em: <http://www.conpef.com.br/anteriores/2015/artigos/1.pdf>. [2016 out19].
4. Aires de Los Santos AF. Diferenças socioculturais do ensino do Karatê-dô, entre oriente e ocidente. 29 f. [Monografia Conclusão de Curso]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2006.
5. Aires H. As competições de karate-do: perspectivas à formação e educação de crianças e jovens. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2015.
6. Sakurai C. Os japoneses. 2 ed. São Paulo: Contexto; 2014.
7. Somma I. Ieyasu Togugawa: o destemido senhor da guerra. Revista aventuras na história para viajar no tempo. 20 ed., p.26-33; 2005.
8. Stevens J. Três Mestres do Budô: Kano, Funakoshi, Ueshiba. São Paulo: Cultrix; 2005.
9. Nakayama M. O melhor do Karate: visão abrangentes, práticas (C. Fischer, Trad.). São Paulo, SP: Cultrix; 1996. (Original publicado em 1977).

10. Ledur JA. Karatê no Rio Grande do Sul: as contribuições de Akira Taniguchi [Monografia de Graduação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2012.
11. Frosi TO. Uma História do Karate-Do no Rio Grande do Sul: de Arte Marcial á Prática Esportiva. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2012.
12. Ledur JA, Carmona EK, Mazo JZ. Karate Goju-Ryu no Rio Grande do Sul: revisitando a vida de Akira Taniguchi. *Record: Revista de História do Esporte*. 2013; 6: 1-23.
13. Nunes AV, Rubio K. As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. *Rev. bras. Educ. Fis. Esporte*. 2012; 26: 667-78.
14. Mori M. Fundamentals of karate-do: the first five weeks of instruction. New York: Dojo-kun publishing; 2010.
15. Raglin JS. Exercise and mental health: beneficial and detrimental effects. *Sports Med. [S.I.]*. 1990; 9(3): 23-329.
16. Daniels K, Thornton E. Length of training, hostility and the martial arts: a comparison with other sporting groups. *Brit. J. Sport Med. [S.I.]*, 1992; 25: 118-120.
17. Inoue M. Con el Karate, busca equilibrio em uma ciudad que vive tensa. *Clarín*, Buenos Aires: 2011 jul 21; p.1.
18. Halbwachs MA. Memória Coletiva. São Paulo: Centauro; 2006.
19. Pollack M. “Memória, Esquecimento, Silêncio”; in: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: 1989; 2: 3-15.
20. Amorim, MABV. História, memória, identidade e História Oral. *Jus Humanum revista eletrônica de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul*. São Paulo. 2012; 2: 107-112.
21. Alberti V. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: FGV; 2004.
22. Gaudioso TK. A presença dos primeiros japoneses no Brasil. *Cadernos do Programa de Pós-graduação em Direito-PPGDir*. Porto Alegre: UFRGS; 2003; p. 9-18.
23. Gaudioso TK. O trabalho temporário no Japão e seu reflexo na estrutura familiar da colônia de Ivoti. In: IX Reunião de Antropologia do Mercosul. Curitiba: 10 a 13 de julho de 2011.
24. Oliveira GB, Frosi TO. Karate no Rio Grande do Sul. In: Mazo J, Reppold Filho A. *Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CREF2RS; 2005.
25. Watanabe LT. Entrevista concedida em 2014. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
26. Federação Paulista de Karate do tradicional. Mestre Hiroyasu Inoki [internet]. Disponível em: http://www.fpktradicional.com.br/home/index.php?option=com_content&view=article&id=80:hiroyasu-inoki&catid=53:brasil&Itemid=131. [2016 out 20].
27. Federação do Estado do Rio de Janeiro de karate-Do Tradicional. História: Lirton Monassa [internet]. Disponível em: <http://ferjkt.blogspot.com.br/p/historia.html> [2016 out 19].
28. Karate do Brasil. Precusores do karate no Brasil [internet]. Disponível em: <http://www.karatedobrasil.org.br/precusores-do-karate-no-brasil> [2016 out 21].
29. Bandeira HR. Percepções de alunos de karate sobre agressividade/violência: aplicações educacionais no ensino de artes marciais. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; 2006.
30. Karatê: sem pretensões. *Revista Veja*. Acervo digital da Revista Veja [internet]. 1972; 190(62). Disponível em: <http://acervoveja.digitalpages.com.br/> [2015 out 18].
31. Karatê: o certo é errar. *Revista Veja*. Acervo digital da Revista Veja [internet]. 1972; 191:(43). Disponível em: <http://acervoveja.digitalpages.com.br/> [2015 out 21].
32. Nelson KMJR. karatê shotokan: pontos dos golpes durante o kumitê de competição masculino. *Ulbra e Movimento, Ji-Paraná*. 2011; 2(1): 1-15.
33. Instituto Goshin-do [internet]. Disponível em: <https://www.facebook.com/Instituto-Goshin-do-742844899182044/> [2015 fev 25].